

LUDICIDADE E PERCEPÇÃO INFANTIL COMO INSTRUMENTOS PARA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ZOOLOGICO DE SALVADOR – BA

Marcelo Barroso Barreto¹
Anderson Abbehusen Freire De Carvalho²
Surama Rebouças³

RESUMO: *Durante décadas se questiona a eficácia da Educação Ambiental como ação educativa, iniciando-se assim uma busca por métodos e instrumentos que tornassem esta prática educativa eficaz em seus propósitos. Entre tantas propostas surge o zoológico, anteriormente visto apenas como um local para exposição de animais, como um grande recurso sócio-ambiental educativo, capaz de reaproximar o ser humano do meio natural, através da gama de elementos naturais contidos neste cenário. Sendo assim, em tempos atuais a Educação Ambiental desenvolvida em zoológicos, tem o potencial de dialogar com crianças, jovens e adultos de diferentes classes sociais, tendo-se o cuidado na escolha de metodologia e instrumentos adequados para o que se deseja realizar. Assim, a partir do Programa Educativo já desenvolvido no Zoológico de Salvador – BA, e acrescentando-se às atividades já existentes, algumas atividades lúdicas retiradas do livro “Brincando e Aprendendo com a Mata”, adaptando-as a realidade local, o projeto objetivou estudar a percepção das crianças moradoras do entorno do Parque Zôobotânico Getúlio Vargas, através de desenhos, quanto a percepção que eles têm do zoológico. Sensibilizando-as quanto à funcionalidade e necessidades do parque, para a formação de uma nova percepção quanto à área ecológica ao entorno delas, focando a problemática existente entre animais e visitantes, assim, pode-se aferir a sensibilização da grande maioria das crianças envolvidas nas atividades, quanto ao parque em questão, promovendo reflexões sobre o reflexo das ações antrópicas do ser humano sobre o ambiente, incentivando, assim, a consolidação de laços entre as crianças da comunidade e a área ecológica.*

Palavras-chave: Educação ambiental; Zoológico; Atividades lúdicas; Percepção infantil.

1. INTRODUÇÃO

Criados na Europa entre os séculos XVIII e XIX, os zoológicos não passavam de coleções de animais mantidas por nobres, imperadores e fãs de espécies exóticas (Barrela et al, 1998, p.127), sendo caracterizados como grandes centros de visitação, limitados apenas a exposições de animais, sem caráter ecológico, educativo ou científico. Com o fortalecimento da consciência ecológica e a busca por uma educação que abarcasse a reflexão sobre o ambiente a nossa volta, é solicitado, também dos zoológicos, uma mudança, passando este, de caráter taxonômico para ecológico. Segundo Auricchio (1999, p.8) essa mudança ocorre na segunda metade do século XIX.

A criação e implantação das atividades educativas, para zoológicos, não foram simples e tiveram início mais ou menos na mesma época que começam a surgir às discussões sobre

¹ Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Católica do Salvador – UCSal.

² Orientador do Projeto Monográfico: Mestre em Ecologia e Biomonitoramento pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Católica de Salvador - UCSal, Licenciado em Ciências Biológicas pela mesma.

³ Co-orientadora do Projeto Monográfico: Bióloga, Mestre em Ecologia e Biomonitoramento pela Universidade Federal da Bahia - UFBA.

ecologia e meio ambiente. Nessa época a educação vinha sendo solicitada a colaborar como instrumento de mudança técnico-cultural no contexto de reformas orientadas para o desenvolvimento econômico. Cada tendência surgida requeria a adequação da escola e o modelo da educação vigente ao modelo social característico da época. Nesse sentido, segundo Lima (2006,p.139), ao ser instrumentalizada para servir ao desenvolvimento e suas prioridades econômicas e tecnocratas acabou sacrificada em seus conteúdos críticos emancipatórios, justo aqueles capazes de promover a reflexão ético-política, desvencilhando, assim, a educação do desenvolvimento social e ambiental.

Com a falência da proposta educativa voltada somente para a economia, nos anos 90, ocorre uma explosão de propostas Educativas para o Meio Ambiente através de instituições governamentais. O MEC⁴ acaba por incluir a Educação Ambiental como tema transversal em todas as disciplinas; as Organizações Estaduais do Meio Ambiente – OEMAs implantam programas de Educação Ambiental e os municípios criam as Secretarias do Meio Ambiente. Na busca por uma educação inclusiva, no que se refere ao meio ambiente, os educadores da época fizeram com que a educação ambiental se constituísse como processos pontuais. Com isso, segundo Lorenzi (2003,p.17), as campanhas promovidas visando alertar e propiciar o pensar através de mudanças de atitudes, acabou sendo banalizadas pela mídia, resumindo a Educação Ambiental a campanhas ecológicas, como: separe o lixo, apague a luz, salve o mico leão dourado, salve o rio, entre outros; informando as classes sociais, sem sensibilizá-las.

“A proliferação de ações pontuais como abraçar árvores e oficinas de reciclagem apresenta-se sem nenhuma postura critica dos modelos de consumo, ou pela análise do modo de relação dominadora do ser humano sobre a natureza. Resumindo o ambientalismo a datas comemorativas e não o configurando como um projeto de vida, de lutas sociais para os cuidados ecológicos, necessário para a construção da sociedade que queremos. (Sato, 2004,p.5)”

Sem desfazer da importância de práticas tidas como pontuais, vendo-as como instrumentos úteis a Educação Ambiental, Lima (2006,p.146) sugere que para uma resposta adequada aos problemas com os quais nos deparamos na vida exige a compreensão dos seus significados, de suas causas, de seus processos de formação e de suas eventuais conseqüências. Tornando-se claro que hoje precisamos integrar os dois esforços já que em última instância, eles são complementares e indissociáveis.

Na década atual, no Brasil, a busca não é mais pelas diretrizes ou papéis a serem seguidos pela educação ambiental e sim pelas metodologias e instrumentos que a façam eficazes em suas finalidades já definidas, anteriormente, na Lei Brasileira nº 6.983/81 que situa a Educação Ambiental como um dos princípios que “*garante a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propicia à vida, visando assegurar no país condições ao desenvolvimento sócio-econômico, aos interesses da segurança Nacional e à proteção da dignidade da vida humana*” (Medina, 1997,p.3).

As leis que fortalecem a Educação Ambiental acabam por exigir um novo paradigma para as ações desenvolvidas pelos Zoológicos. Nesse sentido, estes, passam a ser um grande instrumento educativo sócio-ambiental, pois além de desempenhar uma importante função

⁴ Ministério da Educação e Cultura

ecológica, se estabelecem como uma grande instituição de lazer, educação, pesquisa e conservação, sendo que todos acontecem ao mesmo tempo e de forma interligada.

Segundo Rebouças (2007,p.57), os zoológicos são áreas com grande potencial para facilitar uma maior compreensão da problemática sócio-ambiental, uma vez que reúne muitos elementos encontrados em áreas naturais, podendo assim, integrar o ser humano ao meio ambiente, fazendo-o sentir-se como co-participante na formação do meio em que vivem.

Bronfenbrenner (1996,p.4) apresenta o meio ambiente ecológico formado por uma série de estruturas que se encaixam uma dentro da outra, representando os diferentes meios em que o indivíduo transita de forma direta ou indireta, tendo este ambiente influência na construção da identidade deste indivíduo. Para ele o ambiente constitui-se de microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. O microssistema se refere ao ambiente em que a pessoa convive mais diretamente, como família, escola, trabalho; O mesossistema representa a ligação entre dois ou mais microssistemas em que a pessoa participa de forma ativa; O exossistema é um ambiente que não consegue envolver a pessoa como um participante ativo, mas que sofre influência dos eventos dos ambientes em que a pessoa atua; O macrossistema compõe os valores culturais, históricos, sociais ideológicos que afetam os outros sistemas. Segundo Goldberg, et al (2005,p.98), a abordagem ecológica de Bronfenbrenner nos alerta para a importância no contexto no desenvolvimento humano, nos mostrando o conjunto de energias e vetores que influenciam e constituem novos indivíduos.

Com o crescimento urbano desordenado não é difícil de imaginar que no entorno do Zoológico de Salvador – BA cresce uma comunidade, provavelmente formada por antigos moradores daquela área. Visivelmente caracterizada como comunidade carente, onde esta apresenta como principal área de lazer o zoológico de Salvador, sendo comum encontrar crianças moradoras do entorno brincando na área do parque ou utilizando esta como passagem. Considerando que a conexão entre diferentes microssistemas (na definição de Bronfenbrenner) é um fator estimulante ao crescimento psicológico de uma criança, Goldberg, et al (2005,p.99) nos leva a pensar nas influências das desconexões, usando como exemplo a percepção das crianças em relação à escola e família consideradas como mundos completamente diferentes, fazendo com que a criança assuma papéis distintos e fechados em cada um deles. Concordando com essa visão Poletto e Koller (2002,p.68) afirmam que o desenvolvimento implica em tarefas fundamentais, complexas e dinâmicas ocorrendo pela interação de forças genéticas e ambientais, tendo a criança seu desenvolvimento ligado à interação com pessoas, instituições, creches, escolas, comunidades, famílias, entre outras. Assim nos veio à preocupação de como as crianças moradoras do entorno do zoológico, percebiam este e para isso utilizamos do desenho como instrumento de estudo da percepção, e o lúdico como instrumento sensibilizador quanto ao meio.

Segundo Luget (1979,p.2) seguidor das teorias construtivas de Piaget, o desenho infantil, enquanto manifestação da atividade da criança, permite penetrar na sua psicologia e, portanto, determinar em que ponto ela se parece ou não com o adulto. Isto porque ao desenhar um determinado objeto ou tema, a criança inspira-se não no modelo objetivo que tem diante dos olhos, e sim na imagem que tem em seu espírito no momento em que desenha.

Poletto, Koller (2005,p.69) e Luckesi (2007,p.3), nos mostram o lúdico como um instrumento que permite a inserção da criança na cultura e através do qual se pode permear suas

vivências internas com a realidade externa, sendo assim um elo entre os diversos meios vividos pelo indivíduo com ele mesmo. Afirmando ainda que, através do brincar, e tendo o brincar como um agir lúdico e criativo, a criança constrói suas relações com o objeto, relações que constituem esquemas que ela reproduzirá com outros objetos na sua vida futura. Sendo esse brincar permeado pelo adulto, toda relação com o brincar pressupõe uma relação com ele e com as imagens dos discursos produzidos pelos adultos e pelas crianças. É um facilitador para a interação com o meio na construção de uma nova percepção, entendido como um processo interativo do indivíduo com o meio ambiente, em que se adquire conhecimento através dos sentidos (Blois, 2002,p.3).

“Os programas educativos desenvolvidos em zoológicos devem ter um alcance comunitário em diversos níveis, devendo ser desenvolvidos de forma a sensibilizar sobre a conservação da natureza (Barrela et al,1998,p.126).”

Assim, o presente projeto objetivou estudar a percepção das crianças moradoras do entorno do Parque ZôoBotânico Getúlio Vargas, através de desenhos, quanto a percepção que elas têm do zoológico. Sensibilizando-as quanto à funcionalidade e necessidades do parque, para a formação de uma nova percepção quanto à área ecológica ao entorno delas, focando a problemática existente entre animais e visitantes.

2. DESENVOLVIMENTO

O projeto foi desenvolvido no Parque Zoobotânico Getúlio Vargas, situado a Rua Alto de Ondina S/Nº, Ondina – Salvador / Bahia – Brasil, com as crianças da comunidade do Alto de Ondina, educadas no Centro Integrado de Apoio a Criança e ao Adolescente (CIAC), situado no Alto de Ondina, s/n, Ondina, Salvador – BA. O referido Centro Integrado promove o atendimento às crianças e aos adolescentes em situação de risco pessoal e social apoiado por instituições governamentais e não-governamentais, com atividades artístico-culturais, reforço escolar, cursos de iniciação profissional, esporte e lazer, além da assistência à saúde. A classe participante da pesquisa foi a turma matutina, que consta de crianças entre dez e quinze anos, sendo no total inscritas vinte e cinco crianças.

O trabalho descrito a seguir, foi inspirado na Abordagem Participativa na Educação para a Conservação da Natureza de Pádua & Tabanez (1997,p.561). Segundo as autoras um elemento chave para a Educação Ambiental é desenvolver mecanismos que promovam o engajamento de comunidades locais, podendo assim, incentivar populações que habitam regiões próximas a áreas naturais a se envolverem com conservação.

Com a finalidade de atingir os objetivos citados, num período de três (03) meses, foram desenvolvidas as seguintes atividades descritas no quadro e cronograma abaixo:

Quadro 01. Resumo das atividades desenvolvidas no projeto.

1º mês	2º mês	3º mês
01 - Levantamento de temas;	Continuidade as atividades educacionais;	Finalização das atividades;
02 - Criação de atividades para alcançar objetivos;	Avaliação e tabulação;	Avaliação do processo;
03 - Levantamento de materiais;		Análise de resultados;
04 - Elaboração de cronograma de atividades;		Disseminação dos resultados;
Início das atividades educacionais;		Avaliação somativa.
Avaliação e tabulação.		

As atividades foram desenvolvidas nos dias de quarta e sexta-feira das 08:30 às 09:30h, sendo o início no dia 03 de outubro, tendo o encerramento no dia 21 de novembro de 2007. Estas foram retiradas do Livro Brincando e Aprendendo com a Mata da Editora GTZ do ano de 2002. e adaptadas a realidade local.

A eficácia das atividades lúdicas em educação ambiental, como instrumento sensibilizador no que se refere ao meio ambiente foi analisada através de três instrumentos: desenhos, textos e questionários. Os desenhos foram utilizados para indicar o sentimento das crianças quanto ao zoológico, enquanto que os questionários para informar se houve sensibilização das crianças em relação aos temas abordados, e os textos utilizados como complemento para ambas as análises. Os desenhos foram analisados pela psicóloga de registro no Conselho Regional nº CRP-03/IP-01174.

Um pré-teste foi realizado, antes de iniciada as atividades, constando de desenho e um pequeno texto com o tema: “O Zoológico para mim é...”. Da mesma forma foi realizado no final de todas as atividades um pós-teste, para verificação das propostas de análise. No final de cada tema de atividade era feita uma pergunta como: “O que aprendi hoje?”, no intuito de promover discussão e verificar o conteúdo assimilado pelas crianças.

Como descrito anteriormente às atividades lúdicas visavam entre outras coisas, sanar a problemática existente entre visitantes e animais do Zôo. Para que as crianças entendessem o porquê daqueles animais estarem presos e sobre tais condições e quais atitudes devemos ter perante eles, já que estes se encontram fora de seu ambiente e em maior condição de estresse. E para tal fim foram escolhidas atividades que envolvessem problemáticas de zoológico (ou parques ecológicos) e visitantes. Sendo estas descritas no quadro abaixo com seus respectivos objetivos.

Quadro 02. Objetivo das atividades lúdicas desenvolvidas no projeto.

ATIVIDADES	OBJETIVOS
Quem com quem	Nesse contexto foi possível iniciar as atividades através da comunicação, trabalhando a audição e a percepção do ambiente através do ruído.
Perseguição Silenciosa	Complemento das atividades relacionadas a ruídos.
Encontro com Animais	Essa atividade visou fortalecer o laço das crianças com o os animais, despertando o afeto por estes seres, crendo-se que no futuro este momento, junto com outras aproximações positivas com os animais possa contribuir para a re-ligação destas crianças com a natureza.
Jogo do Bastão	Esta atividade visou trabalhar a coletividade, fazendo com que as crianças se sintam parte integrante da natureza e não meros observadores.
Aprendendo no Zôo	Esta atividade visou trabalhar a alimentação. Através de troca de conhecimentos, onde as crianças relatavam as experiências vivenciadas no zôo que envolvesse os animais, enquanto o mediador contava curiosidades sobre os animais focando no tipo de alimentação e forma de obtenção na natureza.
Zôo no Tabuleiro	Complemento do tema anterior.
Adivinhando Animais do Zôo	Esta atividade visou trabalhar a biodiversidade. Estimulando o diálogo e a ligação entre o que é visto no zoológico com o que acontece no ambiente, servindo para incrementar os conhecimentos já construídos.
Jogo da Memória	Esta atividade visou trabalhar os pares – dimorfismo sexual.
Filme (Happy Feet)	O filme pôde fechar com “chave de ouro” as atividades por conter discussões sobre toda problemática sócio-ambiental tratada durante o projeto. Foi necessário repetir o filme em momentos diferentes, devido ao pouco tempo disponível para a execução.

3. RESULTADO

As atividades foram desenvolvidas com a turma B matutina do CIAC, sendo inscritas vinte e cinco crianças. Destas, vinte frequentaram as atividades, quatorze estiveram presentes no pré-teste e dezesseis estiveram presentes no pós-teste, dezoito desenvolveram o texto e nove responderam aos questionários desenvolvidos no final de cada atividade. As crianças que participaram da pesquisa foram aquelas que apresentaram frequência no pré-teste, no pós-teste e desenvolveram os textos, independente de terem respondido ou não ao questionário, perfazendo um total de onze indivíduos.

A análise dos desenhos, sugeriu que não houve mudanças consideráveis no sentimento da criança em relação ao zoológico, sendo que de 40 itens analisados, cinco para cada criança, vinte e oito (70%) permaneceram inalterados, sugerindo a permanência do mesmo sentimento em relação ao objeto, oito (20%) foram dissonantes, apresentaram uma mudança negativa em relação ao objeto e quatro (10%) apresentaram uma mudança positiva em relação ao objeto. A não mudança de sentimento ou a mudança negativa, não indicam que estas não foram sensibilizadas quanto ao zoológico enquanto instituição educativa, ou que estas tenham agora uma nova visão do objeto em estudo, quando consideramos que problemas pontuais externos podem ter influenciado negativamente a análise. Para um maior esclarecimento se fez necessário a comparação dos resultados com os textos e questionários avaliados.

Das onze criança estudadas, cinco (45%) descreveram no pré-texto o zoológico como área de lazer, para brincar e fazer piquenique, estas apresentaram no pós-texto uma outra visão, onde a área referida ainda era uma área de lazer, mas agora, se faz necessário um comportamento modificado para preservar os animais que ali habitam, comportamentos como: *Ter cuidado com o barulho; Não alimentar os animais, pois no zôo tem alguém responsável por isso; Nosso alimento pode não ser bom para eles.*

Duas crianças (18%) identificaram no pós-texto o zoológico como sendo delas e não mais como um local onde quem tem que tomar conta é o governo, mas, agora, elas também podem ajudar. Outras quatro (37%) crianças apresentaram uma tristeza relativa em seus pré-textos em relação ao zoológico, como: *Não gostava muito do zoológico; O zoológico tem bichos maus; Espaço que só havia animais presos e ainda tristeza com a morte de animais e repressão dos seguranças por algo que fizeram dentro do zôo.* Estas mesmas em seus pós-testes apresentaram uma outra visão do objeto em estudo, como: *O zoológico é muito importante para a vida; os bichos são super educados; ter animais no zôo pode ajudar o meio ambiente;* afirmação que o zoológico agora é deles.

Foi perceptível que através das respostas dos questionários em conjunto com a análise dos desenhos, referentes ao tema: “O zoológico para mim é...”, que houve uma considerável sensibilização quanto à utilidade do zôo em prol do meio ambiente. É observado que a não mudança de sentimento da maioria das crianças em relação ao zôo se deu, provavelmente, por estas, em sua grande maioria, terem uma visão de que o zoológico é um lugar agradável (área de lazer), permanecendo assim esse mesmo sentimento, possivelmente com uma nova visão sobre o zoológico. É possível aferir que as respostas não foram mais bem desenvolvidas por causa da pouca idade e por estas não conseguirem expressar-se com exatidão através de textos, provavelmente pela precariedade da educação infantil pública.

Através da análise dos desenhos, somada aos textos e questionários, pode-se aferir que houve uma sensibilização positiva em grande parte das crianças envolvidas nas atividades, levando-se em consideração que a grande maioria manteve o mesmo sentimento no pré e pós-teste em relação ao zoológico, pois este antes era descrito como área de lazer. Somado às novas informações adquiridas com as atividades é possível imaginar que a partir daí possa haver uma mudança de postura em relação à área ecológica próxima a eles.

Sabendo-se que a educação é um processo e que portanto para o seu sucesso, seja necessário tempo, dedicação e uma metodologia envolvente quanto aos assuntos em questão, além de domínio do assunto pelo mediador; sensibilizar é apenas o primeiro passo para o grande caminho que é educar. Sendo assim, é sugerido que outras atividades relacionadas ao meio ambiente sejam desenvolvidas com as crianças presentes no projeto para que o processo educativo tenha continuidade, no intuito de que estas além de sentirem-se parte integrante do meio em que vivem, possam também apropriar-se do meio ambiente contribuindo para a preservação e boa utilização do mesmo.

4. REFERÊNCIAS

AURICCHIO, A. L. R. 1999. Potencial da Educação Ambiental em Zoológicos Brasileiros. Publicações Avulsas do Instituto Pau-Brasil de Historia Natural. São Paulo, nº1, p.1-46, mar.

BARRELA, Walter; PESSUTI, Cecília; TEIXEIRA, H. & MERGULHÃO, Maria Cornélia. 1998. Zoológicos no Estado de São Paulo. São Paulo.p.126-148.

BLOIS (FILHO) Hugo Gomes; RIGON, Anelise Pigatto & TABARELLI, Giceli. 2004. A Percepção Urbana na Ótica Infantil. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

BRONFENBRENNER, U. 1996. A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planeados. Artes Médicas. Porto Alegre.

GOLDBERG, Luciane Germano; YUNES, Maria Ângela Mattar & FREITAS, José Vicente (de). 2005. O Desenho Infantil na Ótica da Ecologia do Desenvolvimento Humano. Psicologia em Estudo. Maringá, v.10, n. 1, p. 97-106.

GTZ. **Brincando e Aprendendo com a Mata – Manual Para Excursões Guiadas**. 2002. Projeto Doces Matas. Belo Horizonte.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. 2006. Desenvolvimento, Ética e Educação Ambiental: Problematizando a Crise Ética e as Oportunidades de Renovação. Revista de Ciências Sociais – p. 135-164, 2006.

LORENZI, G. M. A. C. 2003. Educação Ambiental: Educar ou Informar? Visão Acadêmica, Curitiba, v.4, n.2, p. 129 –136.

LUCKESI, Cipriano Carlos. 2007. Brincar: O que é Brincar? Disponível em <www.faced.ufba.br/rddisciplinas/gepeleducaçãoeludicidade>, Acesso em: 21 de agosto de 2007.

MEDINA, Naná Mininni. 1997. Breve Histórico da Educação Ambiental. **Educação Ambiental: Caminhos Trilhados no Brasil**. P. 21-27. Brasília, Universidade de Brasília.

PADUA, Suzana M.; TABANEZ; Marlene F.; SOUZA, Maria das Graças. 1997. **A Abordagem Participativa na Educação para a Conservação da Natureza**. São Paulo, IPÊ – Instituto de Pesquisa Ecologia & Instituto Florestal de São Paulo.

POLLETO, R. & KOLLER, S. 2002. A Rede de Apoio Social e Afetivo em Crianças em Situação de Pobreza. Maringá. *Psico*, 33, 151-175.

REBOUÇAS, Surama Beatriz B. 2007. Zoológico: Um Espaço de Lazer e Aprendizado. Presente! *Revista de Educação*. Nº. 58. p. 56-61.nov.

SATO, Michèle. 2004. Debatendo os Desafios da Educação Ambiental. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (INSS 1517-1256)*, Fundação Universidade Federal do Rio Grande.